Introdução

No âmbito da conclusão do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico, foi-me solicitada a realização de um relatório sobre a prática do ensino supervisionada, pois segundo os decretos-lei n.º 74/2006 de 24 de março e n.º 43/2007 de 22 de fevereiro, só assim é possível a obtenção do grau de mestre nestas duas valências do ensino, tal como a obtenção da titularidade da habilitação profissional.

Segundo o regulamento do Mestrado, é pretendido que o aluno desenvolva competências específicas ao nível da intervenção direta com as crianças nas funções de planificação, concretização e avaliação do processo de ensino-aprendizagem, assim como as competências mais alargadas referentes à gestão e administração escolar, na relação com os diversos atores socioeducativos.

Para além destas competências, conforme a ficha das Unidades curriculares de Prática do Ensino Supervisionada I, II e III, os estágios em educação pré-escolar e ensino do 1.ºciclo do ensino básico têm diversos objetivos a serem alcançados pelos discentes, como: observar, questionar, selecionar e organizar informação relevante como suporte para a prática conhecimentos científicos e tecnológicos tendo em conta a integração de conteúdos relativos a conceitos, procedimentos e valores; conceber e aplicar estratégias diferenciadas produzindo materiais adequados; refletir e avaliar criticamente as intervenções próprias e as observações, fundamentando-se em conceitos das áreas de formação; e relacionar-se bem com os seus pares e com os diferentes agentes de ação educativa.

Desta forma é possível compreender o grau de importância que os estágios possuem neste mestrado assim sendo, o primeiro, relativo às Unidades Curriculares do Ensino da Prática Pedagógica I e II foi realizado na valência de Ensino do Pré-Escolar e teve a duração de nove horas semanais distribuídas por duas manhãs, enquanto o segundo, relativo à Unidade Curricular de Ensino da Prática Supervisionada III, realizou-se na valência de Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico e teve a duração de dezasseis horas semanais distribuídas por quatro manhãs. Ambos os estágios foram realizados no Colégio Paula Frassinetti, em Lisboa.

Na minha perspetiva este é sem dúvida um aspeto crucial para a habilitação de um profissional da educação, pois só o contacto direto com as crianças e com as escolas

torna possível um conhecimento profundo de tudo o que engloba, complementado com a teoria previamente adquirida nas restantes unidades curriculares.

Esta componente prática do Mestrado foi sendo sempre sustentada com diversos recursos teóricos, para além dos conhecimentos adquiridos nas restantes unidades curriculares quer da Licenciatura em Educação Básica quer do Mestrado, como referi anteriormente, em muito contribuíram algumas obras, como é o caso das Orientações Curriculares para o Educação Pré-Escolar e dos programas do 1.ºCiclo do Ensino Básico, assim como as diversas referências bibliográficas de autores creditados que foram sendo consultadas. Só desta forma foi possível aprofundar os meus saberes, desenvolvê-los e moldá-los com os diferentes conhecimentos e competências integradas. Para além da experiência de campo que, na minha opinião, em muito contribuiu para o meu crescimento enquanto profissional da educação.

Relativamente à organização deste relatório encontra-se dividido em dois grandes capítulos seguidos de alguns pontos, hierarquicamente dispostos de forma a obter uma melhor complementação e disposição dos diversos parâmetros.

Primeiramente, é realizada uma apresentação à prática do ensino pré-escolar, segue-se uma breve caracterização da comunidade envolvente, da instituição, do grupo de crianças, uma descrição do trabalho pedagógico em sala de aula e ainda um ponto relacionado com os trabalhos mais significativos desenvolvidos ao longo dos dois semestres.

Ainda relacionado com o estágio em educação pré-escolar é possível contactar com um ponto relacionado com um dilema. Este salienta um aspeto que foi mais aprofundado e refletido por mim e que teve como ponto de partida a entrada de uma criança estrangeira, no início do segundo período, sem ter qualquer conhecimento da língua portuguesa, para a turma.

Para finalizar o capítulo relacionado com a prática em educação pré-escolar é possível encontrar uma reflexão pessoal ao estágio.

O segundo capítulo está relacionado com a prática do ensino supervisionada III, isto é, com a prática na valência de 1.ºCiclo do Ensino Básico. A organização que se segue é linear à do primeiro capítulo, todavia na caracterização da instituição há aspetos que não são abordados, uma vez que me encontrei a estagiar na mesma instituição.

Desta forma, é possível visualizar uma breve caracterização da comunidade envolvente, da instituição do grupo, e do trabalho pedagógico em sala de aula. Além

disso existe ainda um momento onde é possível tomar conhecimento dos trabalhos mais significativos realizados em sala de aula.

Ao contrário do pré-escolar, em que me foi possível refletir mais aprofundadamente sobre um dilema, neste caso existe um capítulo destinado à pesquisa e ao trabalho de projeto, qual a metodologia deste trabalho, qual a sua importância e ainda a explicação de um projeto que foi colocado em prática com o grupo com o qual estagiei, assim sendo torna-se exequível uma abordagem a este projeto tal como alguns relatos da sua prática, finalizado com uma avaliação.

Para concluir este segundo grande capítulo existe também uma reflexão pessoal ao trabalho realizado ao longo do estágio em 1.ºciclo do ensino básico.

Por fim, existe uma conclusão geral aos estágios e à elaboração do relatório, seguida da bibliografia e dos anexos, que sustentaram todo o trabalho desenvolvido.

Capítulo I – Prática do Ensino Supervisionada I e II

1. Apresentação da prática profissional no ensino pré-escolar

Durante o Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico, frequentei a Unidade Curricular de Prática do Ensino Supervisionado I e II, no 1.º e 2.º semestres respetivamente, que consistiu na realização de um estágio curricular na valência de Educação Pré-Escolar.

A execução deste estágio é fundamental, uma vez que um dos graus de docência para o qual ficamos habilitados é a educação pré-escolar, assim sendo é de extrema relevância estar em contacto com crianças desta faixa etária, planear, realizar e refletir sobre as mais diversas atividades que propomos a um grupo específico de crianças.

Ao longo deste período de estágio foi-me possibilitado um contacto direto com um grupo de crianças que se encontram entre os dois e os três anos de idade. Segundo Piaget, dos dois aos setes anos as crianças encontram-se no estádio pré-operatório, as crianças "conseguem compreender o conceito de identidade, começando a perceber as relações causais, tornam-se, capazes de classificar e conseguem entender os princípios de contagem e quantidade." (Papalia, Ols & Feldman, 2001, p.345).

"Durante este estádio dão-se importantes progressos. Uma vez que este é o período em que as crianças estão mais abertas à aprendizagem da língua, os adultos que falam muito com as crianças, lhe leem e ensinam canções infantis (…) têm um efeito marcante no seu desenvolvimento linguístico." (Sprinthall, N. & Sprinthall, R., 1993, p.106). Este foi um aspeto muito importante para o grupo, pois durante o seu processo de desenvolvimento o seu vocabulário foi muito trabalhado e por isso todo o grupo revelou um grande aumento e grandiosidade nas expressões linguísticas utilizadas, assim como no padrão de conversa.

O estágio realizou-se às terças e quartas-feiras, das oito horas e trinta minutos às treze horas, no período entre o dia 19 de outubro de 2010 e o dia 15 de junho de 2011.

Durante o seu desenrolar tive a possibilidade de ser acompanhada pela professora supervisora, Mestre Fernanda Rodrigues e pela educadora cooperante Penélope Durão. Para além disso, o corpo docente e não docente do Colégio disponibilizou-se sempre para qualquer tipo de atividade que sugerisse e caso necessitasse de outros espaços que não a sala de atividades.

1.1. Caracterização da comunidade envolvente

"O meio envolvente (…) tem também influência, embora indireta, na educação das crianças. As características desta(s) localidade(s) (…) não são também independentes de sistemas mais vastos e englobantes, sistemas políticos, jurídicos, educativos ainda mais alargados" (Silva & Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1997, p.33)

Conforme a citação anterior é fundamental conhecermos o meio envolvente à Instituição frequentada pelas crianças, pois sem esse elemento será irrealizável, numa fase posterior, sugerir qualquer proposta de intervenção.

Assim sendo, o conhecimento do meio envolvente é essencial para qualquer professor, e até mesmo para cada estagiário, isto porque o meio tem uma influência, na educação das crianças. A compreensão da realidade em que a criança se encontra inserida permite adequação do contexto educativo às características individuais, permitindo ainda a utilização e gestão integrada entre os recursos do meio e os recursos da instituição, promovendo assim atividades dinâmicas, ou não.

Após a análise efetuada ao meio envolvente através de observação, do *site* da Junta de Freguesia, da deslocação à Junta de Freguesia de São João de Deus e ainda da conversa com a educadora cooperante, foi notória a sua inserção numa zona rodeada de espaços verdes, que possibilitam a realização de diversas atividades ao ar livre. Além desses espaços, possui ainda outros recursos bastante interessantes e que podem ser utilização numa possível partilha de atividades, como a biblioteca, o Grupo Desportivo "O Operário", as Piscinas Municipais do Areeiro, os Correios, as Casas de Repouso e centros de convívio, o centro de saúde e ainda o comércio local, como frutarias, mercearias e o mercado municipal.

A freguesia de São João de Deus possui ainda diversas escolas, desde as instituições públicas às privadas que vão da valência de creche ao ensino superior.

Resta apenas referir que é muito acessível, pois para além da boa acessibilidade automóvel, é ainda fornecida pelos vários transportes públicos da cidade, sendo eles o metropolitano, autocarros da Carris e ainda o comboio.

1.2. Caracterização da Instituição

"Cada estabelecimento tem formas de funcionamento e normas que as crianças deverão conhecer. A participação das crianças na dinâmica institucional, em que a organização democrática do grupo se amplia num contexto social mais alargado, é

também uma forma de desenvolvimento pessoal e social." (Silva & Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1997, p. 42).

Assim, é fácil concluir que é necessário o educador conhecer muito bem a instituição para que possa promover o envolvimento do grupo de crianças no seu ambiente educativo, assim como promover atividades diversificadas.

1.2.1. Localização da Instituição;

O Colégio Paula Frassinetti está localizado na freguesia de São João de Deus, mas concretamente na Avenida do México, Praça de Londres, Concelho de Lisboa.

1.2.2. Tipo de Instituição;

Segundo o Regulamento Interno do Colégio, este estabelecimento de ensino está enquadrado nos objetivos do sistema educativo, em regime de Paralelismo Pedagógico, de acordo com o Estatuto de Ensino Particular e Cooperativo, oferecendo dois graus de ensino: Educação Pré-Escolar e 1.ºCiclo do ensino Básico.

1.2.3. Breve História da Instituição;

Este Colégio foi fundado no ano de 1952 no Campo Grande, em 1973 passou para a Estrada da Luz e por fim para o edifício atual, desde o ano de 1987.

Iniciou a sua atividade no ano letivo de 1987/88, em consequência da tomada de posse da propriedade do ex-Lar dos Pequenino.

Uma vez que o edifício estava bastante degradado, a gerência da época, reabriu-o e promoveu o seu restauro, equipando-o a todos os níveis, desde os equipamentos, passado pelos recursos até ao material didático.

1.2.4. Características do Edifício;

As instalações do Colégio são numa vivenda antiga, composta por cinco pisos: no piso -1 encontra-se o Ginásio, onde decorrem as aulas de Educação Física, Ballet, Judo, Música, Piano e Guitarra; no piso 0 localiza-se a entrada do Colégio, que contém um espaço de recreio, uma sala com televisão e material para os alunos da Educação Pré-Escolar (3, 4 e 5 anos, respetivamente); no piso 1 existem três salas, destinadas ao pré-escolar, o refeitório e instalações sanitárias para crianças e adultos; no piso 2 funcionam a secretaria, o gabinete da diretora e três salas do 1.ºciclo (1.º, 2.º e 3.º anos), possui ainda instalações sanitárias para crianças e adultos; no quinto e último piso encontra-se

a sala do 4.ºano, a sala de tempos livres, um espaço de recreio, a sala de informática, uma sala de atendimentos aos alunos e instalações sanitárias para crianças e adultos.

Em relação à sua conservação, os proprietários do colégio têm regularmente o cuidado de zelar pela sua preservação, todavia exteriormente encontra-se um pouco degradado e a necessitar de uma pintura, o que faria com que o seu aspeto fosse mais apelativo. Quanto aos espaços interiores são um pouco húmidos, mas existe, como referi, o cuidado de efetuar pequenos arranjos sempre que necessário, como é o caso, por exemplo, da pintura das paredes interiores.

1.2.5. Várias Valências Existentes;

O Colégio possui, como referi anteriormente, duas valências: Educação Pré-Escolar e 1.ºCiclo do Ensino Básico.

1.2.6. Pessoal Docente, Não Docente, Número de Crianças;

No que diz respeito aos recursos humanos, o colégio, conta com uma diretora, um diretor financeiro, quatro professoras do 1.ºciclo do ensino Básico, três educadoras de infância, um professor de Música, um professor de Educação Física, seis professores de atividades de enriquecimento curricular (inglês, informática, piano, ballet e judo) e oito auxiliares de ação educativa.

O número de crianças que frequenta o colégio é aproximadamente oitenta.

Para além destes recursos humanos, o colégio mantém uma parceria com o Instituto Superior de Educação e Ciências, do qual recebe estagiárias quer do ensino pré-escolar, quer do 1.ºciclo do ensino básico e também com a Magestil – Escola Profissional, da qual recebe estagiárias de apoio à infância nas salas de ensino pré-escolar.

1.2.7. Funcionamento: Horários; Período Letivo;

Segundo o Regulamento Interno do Colégio, este encontra-se aberto de segunda a sexta-feira das oito horas às dezanove horas, possuindo um período de tolerância anterior e posterior às atividades escolares de trinta minutos de manhã e de sessenta minutos à tarde, sendo que apenas das nove horas às dezoito horas é de componente letiva, as restante fazem parte da componente de apoio à família, procurando cumprir o que está estabelecido na lei, “os estabelecimentos de educação pré-escolar devem adotar um horário adequado para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, no qual se

prevejam períodos específicos para atividade, de animação e de apoio às famílias, tendo em conta as necessidades destas" (Lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro), no entanto, visto ser uma instituição particular necessita de um requerimento prévio das famílias, assim como de um acréscimo da mensalidade.

As atividades escolares na educação pré-escolar têm início às nove horas e trinta minutos e término às dezasseis, com intervalo de duas horas para o almoço, das doze horas às catorze horas.

1.2.8. Projeto Educativo

Durante este período de estágio, o Projeto Educativo ainda se encontrava em processo de construção, todavia foi fornecido o seu lema, sendo ele "Um Bom Princípio de Vida".

1.2.9. Articulação da Instituição com a Comunidade/Família.

Em relação à família e à comunidade, o Colégio mantém um maior envolvimento com as famílias do que propriamente com a comunidade. Refiro isto, porque apesar de todos os meses se realizar uma visita ao exterior, esta acontece sempre em espaços fora da freguesia em que está inserido. Além disso, durante este período de estágio nunca vivenciei qualquer contacto com a comunidade, nem tão pouco em conversa com a educadora cooperante foi comentado que tivesse existido algum.

No que diz respeito às famílias, já tenho uma perspetiva bastante diferente, pois é notória a relação de familiaridade que existe entre todos os que frequentam o colégio, os pais conversam uns com os outros, mostram-se preocupados com a aprendizagem dos filhos, conversam com a educadora, fazem perguntas pertinentes às auxiliares. Mesmo comigo, que sou estagiária, os pais tiveram sempre uma relação muito próxima e de enorme confiança no meu trabalho e no que estava a desenvolver com o grupo, mostrando-se sempre disponíveis e partilhando algumas das atividades que os filhos tinham comentado em casa.

Segundo o Regulamento Interno, o Colégio promove uma reunião geral de pais, no decorrer do 1.ºperíodo de cada ano escolar, nos dois níveis de ensino, no qual é apresentado o programa de trabalho anual, assim como os docentes que trabalham diretamente com as crianças.

Existe ainda um atendimento individual aos Encarregados de Educação, que poderá ser marcado pelos docentes ou pelos pais, numa hora estipulada pelo Colégio e

que se encontra inscrita no horário de trabalho dos docentes. Este horário também é solicitado aos pais na reunião geral.

Os pais podem ainda ser atendidos pela Direção do Colégio sempre que o solicitem. Segundo Henderson, citado por Ramiro Marques, o envolvimento das famílias correlaciona-se com os resultados escolares, uma vez que quanto mais as crianças sentem o envolvimento dos pais no seu percurso académico, melhores são os seus resultados escolares.

Além deste aspeto essencial e que acontece diariamente na vida do Colégio, também a participação dos pais na sala de aula foi visível, ao longo do ano letivo, todos os pais foram, pelo menos uma vez à sala, contar uma história para os filhos e os colegas dos filhos.

"A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas." (Silva & Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1997, p.43). Este é sem dúvida um princípio que o colégio Paula Frassinetti tenta transmitir aos seus funcionários e aos pais das suas crianças, pois só através de um trabalho cooperativo a instrução e a educação das crianças sairá o mais rica possível, transmitindo-lhes desta forma os mais diversos valores relacionados com o seu desenvolvimento físico, psíquico e social.

1.3. Caracterização do grupo de crianças

O grupo, com que estive a estagiar, é constituído por doze crianças de três anos, já feitos ou que os vão completando durante o decorrer do ano letivo 2010/2011 ou no seguinte. Deste grupo, sete crianças são do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Nenhuma delas frequentava o colégio no passado ano letivo, não estando, portanto adaptadas ao seu funcionamento, às instalações, ao pessoal docente e não docente. De referir que estas crianças nunca frequentaram qualquer instituição pois até ao presente ano estiveram ao cuidado de amas ou dos avós.

Segundo Piaget, as crianças desta faixa etária encontram-se no estádio pré-operatório. Neste estádio tornam-se gradualmente mais sofisticadas no uso do pensamento simbólico, o que se pode verificar neste grupo.

Através da observação, foi notório o progresso e desenvolvimento do grupo em aspetos básicos de responsabilidade e de independência, revelando-se bastante ativo e já compreendendo o mundo à sua volta, tornando-se gradualmente menos egocêntrico.

Verifica-se também que começam a compreender que as outras pessoas também possuem sentimentos próprios. Assim sendo, as crianças aprendem, gradualmente, a existência de padrões de comportamentos. Através da análise de listas de verificação (anexo I) foi possível concluir que o grupo atingiu, na sua maioria, as metas propostas, aquando da construção do projeto curricular da turma, para a sua faixa etária, nos domínios do desenvolvimento motor, da linguagem, do social, do cognitivo e da autonomia, ao longo do ano letivo, uma vez que estas listas foram preenchidas, por mim, no início e no final do ano letivo.

1.4. Trabalho pedagógico em sala

Segundo as Orientações Curriculares a intencionalidade do educador é o suporte do processo, assim sendo, cabe ao educador refletir sobre a ação realizada, analisar o seu processo e corrigir as falhas diariamente, pois só assim desenvolve uma prática adequada às necessidades do seu grupo, desenvolvendo os valores apropriados e necessitados em cada momento.

Por este motivo, seguidamente, no gráfico 1, podemos observar a quantidade de atividades que foram previstas e realizadas, as que apesar de planeadas não foram exequíveis e ainda algumas que, apesar de não planeadas, surgiram através de propostas dos alunos, ou até mesmo de situações ou momentos do quotidiano.

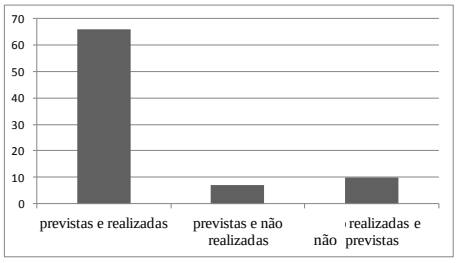

Gráfico 1 - Execução das atividades

Após a análise do gráfico anterior, e sabendo de antemão que não se encontram contabilizadas as atividades de rotina, como são o caso da higiene, almoço, recreio e acolhimento, é possível visualizar que a preponderância recaiu sobre aquelas que foram planeadas e realizadas. Isso só foi praticável porque houve um trabalho de observação que permitiu conhecer o grupo de crianças, as suas necessidades, os seus interesses e a construção das perspetivas educacionais (anexo II) e do plano anual de atividades (anexo III).

Desta forma tornou possível a planificação de atividades que fossem sempre ao encontro das suas necessidades/interesses, e por sua vez exequíveis e realizadas de uma forma motivadora e significativa para cada criança.

Depois, surgem as atividades que foram previstas, mas não realizadas, umas por falta de tempo, outras por algum contratempo ou alteração de última hora devido a fatores externos e ainda outras que tiveram de ser substituídas por atividades não planeadas.

Por fim, surgem as atividades que apesar de não planificadas foram realizadas ao longo dos dias de estágio. Algumas delas foi a educadora que desenvolveu simultaneamente com as minhas, outras que surgiram através da conversa em grande grupo e as restantes aconteceram devido a fatores externos, como por exemplo na semana que antecedeu a Páscoa, em que estiveram poucas crianças e as crianças do pré-escolar ficaram todas juntas na mesma sala.

O Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância (Decreto Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto) refere que "na educação pré-escolar, o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas."

Assim sendo ao longo do estágio guiei-me pelo Plano Anual de Atividades (anexo III), desenvolvido por mim de acordo com os temas do Colégio e do Plano Anual de Atividades da educadora cooperante, revelando sempre o cuidado de o seguir, principalmente em relação às competências e aos temas. Em relação às atividades algumas foram alteradas ao longo do tempo. Contudo foram desenvolvidas as diversas áreas curriculares, como pode ser analisado no gráfico 2.

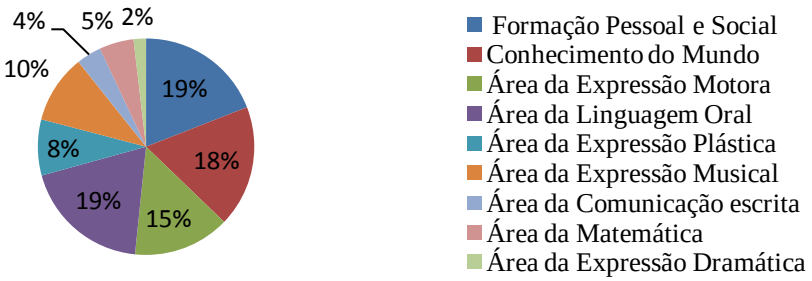

Gráfico 2 - Áreas desenvolvidas

Na sua análise é possível verificar que a área mas trabalhado com este grupo de crianças foi a da Formação Pessoal e Social e da Linguagem Oral, em contrapartida, as mais preteridas foram a Expressão Dramática e a Expressão Escrita. Isto ocorreu, na

minha perspetiva, devido à faixa etária em que as crianças se encontravam, pois era complicado trabalhar regularmente estas áreas com crianças tão pequenas.

1.4.1. Organização do espaço

A sala encontra-se organizada por cantinhos, possuindo os seguintes espaços: casinha, garagem, carpintaria, baú da trapalhada, jogos, livros, tapete e mesas.

Esta divisão é importante para as crianças, pois "Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamentos, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender." (Silva & Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1997, p.37). Assim sendo, deve existir uma reflexão permanente sobre qual a melhor forma de os espaços estarem organizados e qual a melhor disposição para que as crianças sejam capazes de os explorar da melhor forma.

No início do ano letivo, a sala encontrava-se organizada de uma forma completamente diferente da que se encontrava no final, isto porque à medida que a educadora cooperante e eu, enquanto estagiária, fomos conhecendo o grupo, compreendemos melhor qual a disposição e área disponível para cada espaço é que fazia mais sentido para aquelas crianças.

Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar, (1997, p.38) "Esta reflexão sobre o espaço, materiais e sua organização é condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças".

1.4.2. Organização do tempo

Em relação ao tempo, as crianças da sala têm um horário de atividades e também algumas rotinas, isto é, o dia começa com o acolhimento, seguida da conversa no tapete e tempo de planeamento de atividades, tempo de trabalho, recreio, higiene, almoço, recreio, repouso e tempo de reunião. No entanto, em dias específicos da semana, esta rotina é quebrada por algumas atividades: à segunda-feira das nove horas e trinta minutos até às dez horas e trinta minutos as crianças têm aula de música, à terça-feira no mesmo horário têm aula de educação física e à quinta-feira de inglês, também à mesma hora.

"O tempo educativo tem, em geral, uma distribuição flexível, embora corresponde a momentos que se repetem com uma certa periocidade. A sucessão de

cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações." (Silva & Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1997, p.40).

Assim sendo, as crianças da sala tinham a possibilidade de saber e estar preparadas para o que ia acontecendo ao longo dos dias, conhecendo a sua rotina, excetuando a parte da atividade e do tema do mês.

1.5. Trabalhos mais significativos em contexto de sala

Os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano letivo foram todos de grande importância para o grupo, porque antes de planificar qualquer atividade ou proposta educativa foi necessário, durante o período de observação, conhecer as necessidades, os interesses e as potencialidades do grupo em geral e especificamente de cada criança, pois em qualquer instante pode ser necessário existir uma diferenciação pedagógica, uma vez que "cabe ao educador planear situações de aprendizagens que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança" (Silva & Núcleo de Educação de Infância, 1997, p.26).

Visto ter existido este conhecimento prévio de cada criança individualmente e das relações que existem no grupo, as propostas de atividades sugeridas encontravam-se todas de acordo com as suas necessidades e indo ao encontro dos interesses das crianças, desde a mais nova até à mais velha.

Assim sendo, gostaria de, nesta parte do trabalho, salientar dois trabalhos desenvolvidos com o grupo e que se destacaram em contexto de sala de aula.

O primeiro trabalho foi realizado no dia cinco de janeiro de 2011 (anexos IV e V), em que a temática era o Dia de Reis.

Destaquei este dia de atividade, porque a tarefa que propus ao grupo foi a confeção de um bolo, não um Bolo-rei, mas um bolo de iogurte. Assim sendo, após a canção do bom dia, sugeri ao grupo que se levantasse devagar e se sentasse à volta das mesas que já se encontravam preparadas para o desenrolar da tarefa.

Já com as crianças ao redor da mesa, apresentei cada um dos ingredientes que iriam ser utilizados, assim como os materiais necessários para a confeção do bolo, isto é, à medida que apresentava, antes de introduzir o nome perguntava de sabiam o que era. Seguidamente, dei a provar a cada criança o sabor da farinha e o sabor do açúcar.

Posto isto, iniciámos a confeção do bolo. À medida que se introduzia algo no bolo, pedia ajuda a uma criança para que fosse ela a fazê-lo, ou seja, eu apenas orientava o processo, desta forma todos tiveram a oportunidade de colocar algum dos ingredientes no bolo. De referir que sempre que era introduzido algum ingrediente todas, as crianças tinham oportunidade de visualizar como se encontrava o seu processo. Depois de todos os ingredientes colocados, foi altura de mexer o preparado, e tal como anteriormente, também aqui todos deram o seu contributo.

Depois do bolo bem mexido e da forma untada, colocámos o preparado na forma e este foi a cozer ao forno.

Ao final da manhã, o grupo teve a oportunidade de ver como tinha ficado o bolo após ser cozido, mas a educadora cooperante informou que apenas o poderiam comer ao lanche.

Distingui este trabalho uma vez que considero fundamental trabalhar os sentidos, assim sendo é uma forma lúdica na qual as crianças têm a possibilidade de desenvolver inúmeras potencialidades, como é o caso dos sentidos do paladar, tato, audição e visão, o cumprimento de instruções (a receita) e ainda o trabalho em equipa, isto é, compreender que o produto final dependia do empenho e dedicação de todos.

Apesar de considerar que esta tarefa foi cumprida com sucesso, penso que ainda poderia ter feito uma análise detalhada das quantidades que foram utilizadas de cada ingrediente, pois desta forma seria possível trabalhar também a área da matemática.

O segundo trabalho a destacar foi realizado no dia dez de maio de 2011 (anexos VI, VII e VIII) e teve como tema os Meios de Transporte.

Para introduzir esta temática, explorei o livro “O Som dos Transporte”, utilizando todas as suas potencialidades, imagens, sons e conteúdo científico que possuía.

De seguida perguntei que outros meios de transporte as crianças conheciam e apresentei oito imagens que trazia, refiro que todas elas foram identificadas. Assim sendo informei o grupo que, daquelas oito imagens, teriam que escolher as três preferidas e segurar nuns cartões mais pequenos com as imagens dos meios de transporte que tinham escolhido. A finalidade deste trabalho era a construção de um gráfico de barras.

Desta forma, após a escolha realizada por todas as crianças do grupo, uma de cada vez, dirigia-se junto da mesa e colava os cartões nas respetivas colunas. No final, ainda analisei os dados com o grupo, verificando qual o meio de transporte que tinha sido escolhido em maior quantidade e o que se encontrava em menor quantidade. Houve

um dos oito meios de transporte que ninguém escolheu como preferido, assim sendo perguntei se conseguiam descobrir de qual se tratava, após esta pergunta várias crianças colocaram de imediato o dedo no ar para responder corretamente à questão, demonstrando que se encontravam com atenção e motivados durante o trabalho que tivera sido desenvolvido.

Segundo Baroody (2010), a matemática é muito mais do que o decorar conjunto de fatos e procedimentos, é um processo que implica um conjunto altamente estruturado de informação repleta de relações.

Com este exercício tentei propor ao grupo exatamente aquilo que Baroody defende, uma vez que apostei em demonstrar às crianças que a matemática é muito mais do que umas simples ou complexas contas, é algo que envolve as mais diversas relações, como foi o caso, da construção deste gráfico de barra a partir do meio de transporte preferido.

Desta forma é de referir que este trabalho foi deveras significativo para as crianças, pois o grupo revelou sempre um enorme entusiasmo e dedicação ao longo do processo e concretização da tarefa, tendo sido, no final, capaz de interpretar todos os dados que foram sendo sugeridos e interrogados por mim.

2. Dilema em contexto de estágio

Este ponto do capítulo I tem como objetivo uma análise teórico-prática referente a um aspeto vivenciado ao longo da prática em educação pré-escolar.

Analisando o percurso desenvolvido ao longo do estágio e ponderando sobre uma problemática que tivesse existido, surgiu o tema do dilema, que se prende com a chegada de uma criança estrangeira com o português como língua segunda à sala de aula, para mais no decorrer do ano letivo.

O grupo com o qual me encontrei a estagiar era composto por crianças com idades compreendidas entre os dois e os três anos de idade, como referi anteriormente. Desta forma este foi um ano de adaptação ao Colégio, pois todas elas se encontravam pela primeira vez a frequentar um local de ensino.

Assim sendo é objetivo da educação pré-escolar “proporcionar ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva” (Silva & Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1997, p.20), isto é, cabe ao educador criar um ambiente no qual a criança se sinta confortável para que assim o processo de adaptação seja mais fácil para a criança e consequentemente para todos aqueles que a rodeiam.

Além disso, “a diversidade de situações e a variedade de reações das crianças que iniciam a educação pré-escolar exigem uma grande atenção, flexibilidade e recetividade por parte do educador para encontrar as respostas mais adequadas” (Silva & Núcleo de Educação de Infância, 1997, p.88). Na minha perspetiva, a adaptação do grupo foi fácil uma vez que foi muito suportado pelo ambiente que lhes foi proporcionado, através da organização do espaço e do tempo, das propostas de atividade e até mesmo dos gestos de atenção revelados por parte dos adultos.

Todavia, não foi apenas a adaptação das crianças que me suscitou curiosidade e me fez desenvolver este aspeto neste capítulo do relatório, mais concretamente nesta parte do Dilema, mas sim, como referi inicialmente, o facto de uma das crianças, do sexo feminino, que ingressou no Colégio apenas no mês janeiro, com dois anos de idade não ter o Português como língua materna, vinda da Índia.

“A chegada a um novo local, o habituar-se a uma casa diferente e o fazer novas amizades provocam situações de «stress» e de angústia. As crianças pequenas parecem ter particulares dificuldades em se adaptarem a novas casas, novas vizinhanças e novas escolas.” (Marques, R., 1988, p.23).

Através do que Ramiro Marques escreve no seu livro é possível compreender realmente as manifestações desta criança. Chegou a um local estranho, onde não conhecia ninguém, a expressão mais utilizada para comunicar é a linguagem e só existiam palavra que ela desconhecia, tudo era novo, tudo era estranho.

Através da observação foi verificado que a criança se sentia angustiada, nervosa, triste, sem saber onde estava, com quem estava, o que podia fazer, com o que podia brincar… Será em torno deste aspeto que se irá desenvolver esta parte do meu trabalho.

Inicialmente, a educadora ao receber uma criança estrangeira na sua sala teve uma conversa com os pais, na qual teve conhecimento que os pais não falavam português, a menina nunca tinha ouvido qualquer palavra em português, e as poucas palavras que sabia eram em hindi ou em inglês, pois os pais também falavam inglês.

Após esta conversa inicial, a educadora falou comigo sobre estes aspetos, pois enquanto estagiária do grupo era importante que possuísse algum conhecimento sobre o assunto e tentámos em conjunto ajudá-la na sua integração, sem que o restante grupo se ressentisse ou regredisse no seu processo de adaptação ao Colégio.

Num dos primeiros dias, durante a conversa inicial realizada no tapete, foi proporcionada uma apresentação, em que todos disseram os seus nomes e se tentou integrar a criança no grupo. No entanto, na maior parte do tempo ela chorava, uma vez

que “a mudança de escola provoca retrocessos para formas menos maduras de comportamento (…) perante tais situações, o professor deve ser paciente e compreensivo, flexível e tolerante, proporcionando semelhanças e continuidades entre a nova escola e a anterior” (Marques, R., 1988, p.25). Após o interrogar do grupo sobre o facto de a colega estar a “choramingar” foi-lhe explicado que ainda eram os seus primeiros dias na escola e que estava a ser complicado para ela, pois vinha de um sítio muito longe onde se comunicava noutra língua, explicando também que era por isso que ela ainda não falava muito com eles.

Este processo de adaptação foi um pouco complicado, nos três primeiros dias a criança apenas chorava, na hora do almoço comia muito pouco e na hora da sesta mostrava-se ansiosa e desconfortável.

Intuitivamente, houve um momento em que um adulto interagiu com ela utilizando a língua inglesa, o que fez com que esboçasse um sorriso, revelando nesse preciso momento alguma confiança, pois escutou algo que lhe era familiar ou pelo menos algo que não lhe era totalmente estranho.

Neste instante houve um grande avanço na integração da criança, uma vez que os adulto que mantinham um contacto mais direto com ela começaram a dirigir-se à criança utilizando expressões ou palavras na língua inglesa, sem no entanto descurar a língua portuguesa, pois era um idioma que os pais também queriam que aprendesse e estando numa escola portuguesa necessariamente teria que a compreender e também saber falar. Assim sendo, a educadora e eu (estagiária) comunicávamos com ela em inglês e a auxiliar em português.

Segundo as Orientações Curriculares, (1997, p.19), “a educação pré-escolar deverá adotar a prática de uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, que inclua todas as crianças, aceite as diferenças, apoie a aprendizagem, responda às necessidades individuais”. Desta forma, e sem nunca pôr de parte o restante grupo, foi possível criar uma pedagogia diferenciada para esta criança, proporcionando-lhe as mesmas aprendizagens, mas facilitando-lhe um pouco a sua integração num “mundo” diferente do que estava habituada.

A partir de então, a estratégia adotada prendia-se em trabalhar em grande grupo, utilizando sempre a língua portuguesa, ao contar histórias, no seu reconto e até mesmo nas conversas de tapete em que as crianças se expressavam livremente era realizado um diálogo em português, pois as crianças “desenvolvem-se e progridem linguisticamente através de interações comunicativas ricas, mas naturais, sem exigirem qualquer tipo de

«ensino» especial (Ervin-Tripp, 1974, cit García, E., 2010, p.854). Desta forma, durante estes diálogos a comunicação existia espontaneamente entre todos os elementos do grupo.

Para além disso, era também nestas circunstâncias que era trabalhado o vocabulário de todos os elementos do grupo, pois nesta faixa etária ainda se encontram na aquisição de muito vocabulário novo logo, "protagonizar um diálogo experiencial é estabelecer uma comunicação, no plano verbal e não verbal, de maneira a que o outro se sinta verdadeiramente compreendido, escutado e aceite." (Portugal, G. & Laevers, F., 2010, p.15).

No entanto e para que continuassem a existir durante os dias, aspetos que proporcionassem a esta criança momentos relacionados com a sua cultura, eram colocadas várias músicas a tocar na aparelhagem em inglês e exploradas algumas histórias, fornecidas pelos pais, que ela já conhecia e que o adulto (educadora ou estagiária), adaptava para português com o auxílio das imagens, ou então sugeria-lhe que a contasse aos amigos, utilizando o vocabulário que quisesse, pois não lhe era imposto, nem uso do português, nem do inglês.

Segundo o Manual de Intervenção em Educação de Infância, "Os educadores podem ajudar a minimizar a discrepância linguística passando gravações de histórias, poemas e canções infantis na língua da criança. Brinquedos, fotografias, imagens e livros que mostrem a cultura nativa da criança fornecem à criança coisas para apontar, nomear e introduzir nas conversas na sua língua nativa" (García, E., 2010, p.855). Visto o restante grupo, inicialmente não possuir qualquer conhecimento do inglês, muito menos do hindi, a utilização de imagens e de canções foram sempre as mais requisitadas, contudo quando era pedido algo em concreto à criança surgia a comunicação em inglês.

De referir que com todas estas estratégias utilizadas ao longo do ano letivo, com a participação dos pais, e o facto de se tratar de uma criança com apenas dois anos de idade, que se encontra ainda numa fase de aquisição da linguagem, o seu processo de aprendizagem foi relativamente fácil, pois na altura das férias da páscoa já se expressava claramente em português e já não necessitava que qualquer adulto comunicasse com ela noutra língua que não a portuguesa.

Este trabalho foi eficaz e foi cumprido com sucesso num período de tempo relativamente curto, mas, para isso em muito contribuiram as pesquisas e reflexões realizadas quer pela educadora cooperante quer por mim, assim como as várias

reflexões que realizámos em conjunto para que as estratégias que iam sendo utilizadas fossem diversificadas, integradoras e significativas para todas as crianças do grupo, uma vez que "o pensamento reflexivo contribui, decididamente, para a promoção do progresso. Uma invenção imaginada e pacientemente urgida representa uma conquista do Homem que se destina a servir melhor quem nela investe e está interessado." (Lalanda, M. & Abrantes, M., 1996, p.54).

A citação anterior reflete exatamente o que foi sentido por nós, enquanto responsáveis pelo crescimento de todo aquele grupo que nos foi confiado, sempre que refletíamos sobre o trabalho realizado ou sobre as pesquisas e leituras feitas por ambas conseguíamos compreender melhor como se poderia sentir esta criança e o quão importante era para ela se sentir segura, acarinhada e respeitada pelos adultos.

Os pais também deram um enorme contributo nesta adaptação e no desenvolvimento da criança, pois apesar de não comunicarem com ela em português, uma vez que era uma língua que desconheciam, mostraram-se sempre muito presentes e empenhados em perceber como estava a ser a adaptação da sua educanda ao colégio e ao grupo. Segundo as Orientações Curriculares, "a colaboração dos pais, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem" (Silva & Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1997, p.45), neste aspeto é de salientar que os pais revelaram sempre uma enorme preocupação e acompanhamento no processo educativo e de crescimento da sua filha.

Para finalizar, nunca é demais referir que "a relação individualizada que o educador estabelece com cada criança é facilitadora da sua inserção no grupo e das relações com as outras crianças. Esta relação implica a criação de um ambiente securizante que cada criança conhece e onde se sente valorizada." (Silva & Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1997, p.35), pois este é sem dúvida um aspeto fulcral na adaptação de cada criança a um novo ambiente, muito mais quando se trata de uma criança estrangeira, de uma criança com necessidades educativas especiais ou até mesmo de uma criança sem qualquer tipo de problema, mas que ingressa no ensino mais tarde do que o restante grupo e que encontra os colegas já adaptados e integrados naquele ambiente.

Penso que este foi sem dúvida o maior dilema que encontrei durante a realização deste estágio em educação pré-escolar, mas que em muito contribuiu para o meu crescimento e para a compreensão de qual deve ser o trabalho do educador quando a

meio do ano letivo encontra uma situação nova e que requer pesquisa, leitura e reflexão para que tudo seja processado da forma mais correta e sempre pensando no bem-estar da criança.

3. Reflexão

A reflexão que se segue foi baseada na conclusão reflexiva (anexo IX), realizada no final do estágio em educação pré-escolar e que tinha como objetivo a reflexão sobre todos os aspetos envolvidos no mesmo.

Ao longo do ano de estágio na valência de pré-escolar foi possível contactar com aspetos bastante distintos dos que tinha vivenciado nos anos anteriores. Em primeiro lugar porque ainda não tinha tido a possibilidade de estagiar em pré-escolar e depois porque este é um grupo bastante exigente devido à faixa etária em que se encontra.

Segundo as Orientações Curriculares (1997), "a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário".

Este estágio teve como principal objetivo proporcionar às discentes uma prática contínua, numa realidade que num futuro próximo será a delas, sendo que, as principais competências a adquirir eram: direcionar para a prática conhecimentos pedagógicos, científicos e tecnológicos; colaborar no desenvolvimento dos projetos curriculares; elaborar, desenvolver e avaliar planificações tendo em conta as variáveis da prática, as Metas de Aprendizagem, as Orientações Curriculares, o docente cooperante e o professor tutor; desenvolver e implementar estratégias diferenciadas e criativas, através da utilização e construção de materiais adequados; refletir e avaliar criticamente as intervenções próprias e as observadas fundamentando-se em conhecimentos das áreas de formação, através da elaboração de textos de reflexão pessoal; avaliar sistematicamente a prática educativa.

Na minha perspetiva consegui atingir as competências propostas pela docente, pois fui capaz de desenvolver a minha aprendizagem da melhor forma, adaptando a teoria transmitida na componente teórica com a prática realizada ao longo do tempo de estágio.

Esta componente prática foi deveras importante, pois possibilitou-me um contacto direto durante um ano inteiro com um grupo de crianças com idades

compreendidas entre os dois e os três anos, e além disso acompanhar o seu desenvolvimento ao longo dos tempos, proporcionando-lhes atividades diversificadas e de acordo com o proposto no projeto anual curricular, de forma a ajudar as crianças a desenvolver, em conjunto com a educadora cooperante, as competências que estruturámos e objetivámos numa fase inicial do ano letivo.

"Qualquer que seja a modalidade organizacional, trata-se de um contexto que permite o trabalho em equipa dos adultos que têm um papel na educação das crianças" (Silva & Núcleo de Educação Pré-Escolar, 1997, p.41). Esta citação retirada das Orientações curriculares, na minha opinião transmite exatamente aquilo que tentei desenvolver ao longo deste ano com a educadora cooperantes, isto é, um trabalho em equipa, em que a finalidade e o objeto geral eram o mesmo, a boa forma e desenvolvimento das crianças do grupo.

Por esse motivo, no final de cada dia, existia uma conversa entre estagiária e educadora cooperante relacionada com o meu desempenho e o desempenho das crianças. Durante este tempo tinha a possibilidade de fazer uma autoavaliação à minha postura, trabalho e interação com o grupo, assim como de escutar a heteroavaliação, sugestões e críticas, fossem elas positivas ou construtivas.

Assim sendo, tinha a possibilidade de refletir logo numa primeira fase em conversa com a educadora cooperante, pois este era o momento em que nos era possível criar um certo distanciamento das "pessoas" em si e pensarmos racionalmente enquanto profissional, pois o refletir, segundo Jonh Dewey (1993), citado por Isabel Alarcão (1996, p. 175), "implica uma perscrutação ativa, voluntária, persistente e rigorosa daquilo em que se julga acreditar ou daquilo que habitualmente se pratica, evidencia os motivos que justificam as nossas ações ou convicções e ilumina as consequências a que elas conduzem. Eu diria que ser-se reflexivo é ter a capacidade de utilizar o pensamento como atribuídos de sentido".

Na minha opinião os principais objetivos a que me tinha proposto pessoalmente para este estágio foram alcançados de uma forma muito positiva, penso que até superei as minhas expectativas, pois o facto de ir trabalhar com crianças tão pequenas, inicialmente, deixou-me um pouco apreensiva, uma vez que o tipo de trabalho desenvolvido e proposto teria que ser abordado de uma forma específica e compreensível para esta faixa etária.

Todavia, este ano foi deveras produtivo e desenvolveu em mim ainda mais o gosto e a aptidão para trabalhar com as crianças mais novas.

As principais dificuldades que senti prenderam-se com o facto de teoricamente estar a desenvolver o meu trabalho numa sala composta por crianças com idades de valências diferentes, praticamente metade estava em idade de creche e a outra metade em idade de pré-escolar. Esta foi sem dúvida a minha principal dificuldade, principalmente porque nas atividades sugeridas pela educadora, eu queria sempre propô-las a todo o grupo, devido ao facto de serem somente doze crianças, e desta forma tinha que pensar nelas muito bem, no que iria propor para que todos conseguissem realizar a tarefa, mas sem que os mais velhos ficassem desmotivados e os mais novos saturados.

Outro aspeto que gostaria de refletir pretende-se com a evolução das crianças, foi notório o progresso e o desenvolvimento deste grupo ao longo do ano letivo, em todos os seus aspetos, desde as expressões, até à matemática, passando pelo conhecimento do mundo e pela linguagem oral e abordagem à escrita, e terminando na área transversal que é a formação pessoal e social.

A relação que eu própria consegui manter com os pais das crianças da sala fez-me sentir muito bem, confiante no trabalho que estava a desenvolver e naquilo que as crianças transmitiam as pais e até mesmo o que eles visualizavam no espaço de acolhimento, pois muitas vezes entregavam os seus filhos simplesmente ao meu cuidado, dando-me os recados que eram necessários. Quero com isto dizer que a relação pais/estagiária era praticamente igual àquela que existia entre pais/adulto do colégio.

Em termos de conclusão, este estágio foi muito importante para mim, enquanto futura profissional da educação, pois permitiu-me estar em contacto com um grupo de crianças durante um ano inteiro e ao longo de dois dias por semana, podendo assim observar e acompanhar o desenvolvimento do grupo.

No que diz respeito à minha prática penso que evolui bastante, o *feedback* demonstrados pela educadora cooperante e pela professora orientadora de estágio foram muito positivos, assim como o das crianças e dos adultos que vivenciaram esta experiência comigo dentro do Colégio.

O local de estágio em que me encontrei é excelente, apesar de ter umas salas pequenas e um espaço exterior reduzido, os valores que são transmitidos são de enorme importância para as crianças e na minha opinião os valores, por vezes, são mais importantes do que a criança ter a possibilidade de estar e/ou brincar num espaço maior.

Em suma, terminei este estágio sentindo-me muito realizada e feliz com o meu percurso e com o meu trabalho, orgulhosa de mim mesma pelo que alcancei e pelo

carinho revelado por todos em relação à minha pessoa no local em que me encontrei a trabalhar durante este ano letivo.

Capítulo II – Prática do Ensino Supervisionada III

1. Apresentação da prática profissional no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Ainda durante o Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico, frequentei a Unidade Curricular de Prática do Ensino Supervisionado III, no 3.º semestre, que consistiu na realização de um estágio curricular na valência de 1.ºCiclo do Ensino Básico.

Tal como o estágio anterior na valência de Educação Pré-Escolar, também este foi de enorme importância para o meu futuro e para o meu crescimento enquanto futura professora. Pois só através do contacto com as crianças e com a realidade que é o seu dia a dia, com a planificação dos dias de trabalho e o desenvolvimento das tarefas propostas ao grupo me promove a aquisição de mais conhecimentos, neste caso em concreto conhecimentos práticos.

Durante o decorrer do estágio foi-me confiado o trabalho com uma turma de 4.ºano do 1.ºCiclo do Ensino Básico, contactando assim com crianças entre os oito e os dez anos de idade. Segundo Piaget, dos sete aos onze anos as crianças encontram-se no estádio operatório, onde "as crianças são positivistas lógico infantis que compreendem as relações funcionais porque são específicas e porque podem testar os problemas (…) compreendem os aspetos específicos, ou concretos, do problema" (Sprinthall, N. & Sprinthall, R., 1993, p.108).

De referir, ainda que, durante este estádio, as crianças revelam dificuldades em pensar em situações abstratas, compreendendo melhor o que é real. Segundo Piaget, "têm uma compreensão maior das diferenças entre a fantasia e a realidade, classificação, relações lógicas, causa e efeito, conceitos espaciais e conservação" (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.420) tornando-se desta forma mais capacitadas e competentes para a compreensão da matemática e das operações que esta envolve.

Este estágio foi realizado no período entre o dia 3 de outubro de 2011 e o dia 20 de janeiro de 2012, de terça a sexta-feira, das nove horas e trinta minutos às doze horas e trinta minutos.

Durante o seu desenrolar tive a possibilidade de ser acompanhada pela professora Mestre Maria de Fátima Santos e pela professora cooperante Ana Marta Lopes. Para além disso, o corpo docente e não docente do Colégio disponibilizou-se sempre para qualquer tipo de atividade que sugerisse e caso necessitasse de outros espaços que não a sala de atividades.

Quero ainda referir que o estágio foi realizado na mesma instituição que o estágio anterior, na valência de Educação Pré-Escolar.

1.1. Caracterização da comunidade envolvente

"Passear-se pelas imediações da escola e pelos bairros em que os alunos da escola vivem, pode-lhe dar uma visão sobre os antecedentes e os valores dos alunos. Ler um pouco da história da comunidade também ajuda." (Arends, R., 1995, p.487). É realmente importante para um professor ter um conhecimento prévio do local onde se localiza a escola, isto é, do meio envolvente.

Apesar de me encontrar a estagiar no mesmo colégio, penso que é importante salientar que, também, no Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico, este aspeto é essencial. O meio envolvente ao Colégio é muito rico em espaços verdes e além disso proporciona às crianças um contacto direto com a população.

Em relação aos outros recursos da comunidade, aquele que é mais frequentado e utilizado pelos alunos da turma do 4.ºano é a Igreja São João de Deus, pois uma grande percentagem dos alunos frequenta a catequese nessa paróquia.

1.2. Caracterização da Instituição

"As escolas, tal como outras organizações, têm histórias e culturas que consistem em valores, crenças e expectativas que se desenvolveram e cresceram ao longo do tempo. A história de uma escola fornece tradições e uma multidão de rotinas (umas boas e outras menos boas), que são aceites como válidas pelos membros da organização." (Arends, R., 1995, p. 452).

1.2.1. Pessoal Docente, Não Docente, Número de Crianças

No que diz respeito aos recursos humanos, todos estes se mantêm os mesmos do ano letivo 2010/2011, excetuando o número de crianças que frequenta o Colégio, pois no ano letivo 2011/2012 o Colégio conta com certa de 90 crianças.

As parcerias existentes continuam, também, a ser as mesmas, continuando a receber as respetivas estagiárias.

1.2.2. Funcionamento: Horários; Período Letivo

Como foi referido anteriormente, segundo o Regulamento Interno do Colégio, este encontra-se aberto de segunda a sexta-feira das oito horas às dezanove horas, possuindo um período de tolerância anterior e posterior às atividades escolares de trinta

minutos de manhã e de sessenta minutos à tarde, sendo que apenas das nove horas às 18 horas é de componente letiva, as restante fazem parte da componente de apoio à família e necessitam de que requerimento prévio das família, assim como de um acréscimo da mensalidade.

No 1.ºciclo, o horário encontra-se compreendido entre as nove horas e trinta minutos e as dezasseis horas e trinta minutos ou dezassete horas e dez minutos, consoante as atividades de enriquecimento curricular, possui também um período de duas horas para o almoço, das doze horas e trinta minutos às catorze horas e trinta minutos.

1.2.3. Projeto Educativo

No presente ano letivo, 2011/2012, o Colégio Paula Frassinetti, apresenta o projeto educativo estruturando, sendo que o lema é "Um Bom Princípio de Vida", este apresenta uma série de tópicos desenvolvidos, como: os princípios básicos do pré-escolar e do 1.ºciclo do ensino básico, o perfil dos alunos, a estrutura curricular do colégio e as competências finais para cada ciclo (gerias, transversais e específicas.)

Enquanto estagiária, foi-me dada apenas a possibilidade de consultar o documento.

1.2.4. Articulação da Instituição com a Comunidade/Família.

"Os alunos, sobretudo no ensino básico, não podem ser vistos isoladamente na medida em que eles dependem, por um lado, dos pais e, por outro, dos professores." (Dubet, 1997, cit Villas-Boas, M. A., 2001, p.82), por este motivo é essencial que seja promovida uma boa relação entre todos os agentes educativos.

"Um dos objetivos mais importantes das relações escola/famílias/comunidades é aumentar o número de famílias que se envolve na educação dos filhos. Este envolvimento pode incluir a comunicação pais/filhos, pais/professores, ajuda ao estudo, apoio à escola, trabalho voluntário e participação na tomada de decisões." (Davies, D., Marques, R. & Silva, P., 1997, p.107). No caso concreto desta turma, os pais revelaram-se sempre muito interessados na aprendizagem dos seus educandos, dirigindo-se várias vezes à sala, antes do início das aulas, para simplesmente ter uma conversa informal com a professora e compreender se estava tudo bem com o desenvolvimento dos seus filhos.

Este aspeto é, na minha perspetiva, muito importante, pois permite um maior conhecimento e envolvimento de todos os agentes educativos, os pais conversam com a professora, conhecem-na, e vice-versa, os alunos veem que os pais estão interessados no seu desenvolvimento, facilitando assim a sua aprendizagem e motivação.

"Os estudos sobre as práticas de envolvimento dos pais nas escolas mostram que os pais beneficiam no seu papel de educadores. Os alunos também beneficiam porque aprendem mais e revelam maior motivação para o estudo. Os professores beneficiam porque ficam a compreender melhor as necessidades e as características das famílias, podendo mais facilmente adaptar o currículo aos vários tipos de alunos e introduzir componentes curriculares que aproximem a escola das culturas comunitárias." (Davies, D., Marques, R. & Silva, P., 1997, p.108).

De referir que em relação à comunidade envolvente à escola, no que diz respeito à freguesia, o contacto que este grupo de crianças estabeleceu foi unicamente com a igreja, pois praticamente todos frequentam a catequese na paróquia. Para além disso, devido às visitas de estudo, foi possível estabelecer um maior contacto com a cidade de Lisboa, uma vez que durante este período de estágio todas as visitas do 1.ºCiclo do Ensino Básico foram promovidas dentro da cidade de Lisboa e em locais que faziam sentido às crianças desta faixa etária.

Assim sendo, quero apenas referir que me foi possível acompanhar um grupo que revelou um grande envolvimento ao nível escola/família/comunidade, os pais demonstraram também vontade em acompanhar o meu trabalho, fazendo comentários sobre o que os filhos lhes contavam em casa.

1.3. Caracterização do grupo

Com vista a conhecer melhor os alunos que a turma tem, interroguei (anexo X) junto da professora cooperante alguns aspetos, e outros diretamente aos alunos, através de um pequeno questionário (anexo XI). A partir da análise aos diversos documentos, foi possível retirar várias informações. Daí os resultados apresentados seguidamente.

A turma é composta por dezoito alunos, sendo que a sua divisão se distribui entre rapazes (sete) e raparigas (onze) encontrando-se relativamente nivelada, pois sessenta e um por cento são raparigas e quarenta e nove por cento são rapazes. Nenhum aluno reprovou, existe apenas um que tem ingresso antecipado, logo a média de idade da turma é de nove anos, encontrando-se na transição dos nove para os dez anos, ao longo deste ano letivo.

Todos os alunos residem no concelho de Lisboa, à exceção de um que reside no concelho de Almada, onde vivem, maioritariamente com os pais e irmãos. As crianças passam a maior parte do seu tempo na escola.

Relativamente às habilitações literárias dos pais dos alunos, verifica-se que a grande maioria é detentora de um curso superior. No que respeita às profissões, estas são bastante variadas, nomeadamente, economistas, consultores informáticos, advogados, juristas, bancários, professores, entre outros. Desta forma, os alunos desta turma podem caracterizar-se como sendo oriundos de uma classe média alta.

Todos os alunos frequentaram o ensino pré-escolar, sendo que apenas três não o realizaram neste estabelecimento de ensino.

Importa ainda salientar que existe um aluno com Necessidades Educativas Especiais, com a Síndrome de Asperger. Relativamente a este aluno, o colégio disponibilizou um técnico especializado que o acompanha em situação de sala de aula, durante uma hora em três dias da semana.

De referir ainda que existe uma aluna que apenas atingiu os objetivos mínimos para transitar, pois possui bastantes dificuldades na interiorização de conhecimentos e a sua capacidade de atenção/concentração é bastante reduzida.

Por fim, há ainda outra aluna a realçar, uma vez que apenas integrou a turma no 2.ºano do ensino básico e como vinha de uma escola inglesa, revelou bastantes dificuldades a Língua Portuguesa, pois não sabia nem ler nem escrever. Também não conhecia o alfabeto manuscrito e não conseguia escrever o seu próprio nome (nem em letra de impressa nem em manuscrito).

Todavia, segundo o perfil específico de desempenho profissional do professor do 1.ºCiclo do Ensino Básico, é da competência do professor desenvolver "o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos" (Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto.)

1.4.Trabalho pedagógico em sala

"A planificação do professor é a principal determinante daquilo que é ensinado nas escolas. O currículo, tal como é publicado, é transformado e adaptado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequências e ênfase." (Arends, R., 1995, p.44).

Desta forma, os trabalhos propostos ao grupo de crianças foram sendo adaptados e reajustados consoante os interesses e as necessidades de cada aluno. Além disso, foi sempre realizável uma prática diferenciada através do trabalho a pares e do trabalho em grupos.

Segundo a Organização Curricular e programas do 1.ºCiclo do Ensino Básico, (2006, p.23) "Os programas propostos para o 1.ºCiclo implicam que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras que garantam o direito ao sucesso escolar de cada aluno.". Assim sendo, cabe a cada professor criar conjuntos de estratégias e atividades que permitam às crianças desenvolvimentos em todos estes níveis, adquirindo valores cívicos e morais, possibilitando as mais diversas experiências quotidianas e ainda o debate de assuntos pontuais relacionados com aspetos comuns que inquietem o grupo.

A modalidade de trabalho predominante é o trabalho individual, em pares ou grupos, em que todos têm a possibilidade de participar quando solicitados ou quando requerem a respetiva autorização.

A comunicação entre os vários agentes é muito boa e os alunos da turma são bastante autónomos e responsáveis na realização das suas tarefas ou no cumprimento das regras durante os trabalhos de grupo e pesquisa.

O ambiente entre os pares é notável, pois os alunos são, na sua maioria, capazes de resolver os seus conflitos. Além disso, revelam sempre disponibilidade para auxiliar um colega quando este necessita de ajuda na realização de uma tarefa.

Durante o decorrer deste estágio houve a possibilidade de realizar um projeto de intervenção, assim como de o pôr em prática. Desta forma, durante o período de observação, recolhi diversos dados, através de entrevistas e da observação direta, o que possibilitou a compreensão de quais os interesses e necessidades dos alunos.

Como o trabalho desenvolvido esteve sempre de acordo ou em sintonia com o desenrolar do projeto, as áreas curriculares de Estudo do Meio, Língua Portuguesa e Expressão Plástica foram mais trabalhadas do que as restantes, todavia houve oportunidade para planificar estratégias e introduzir conteúdos de todas as áreas científicas.

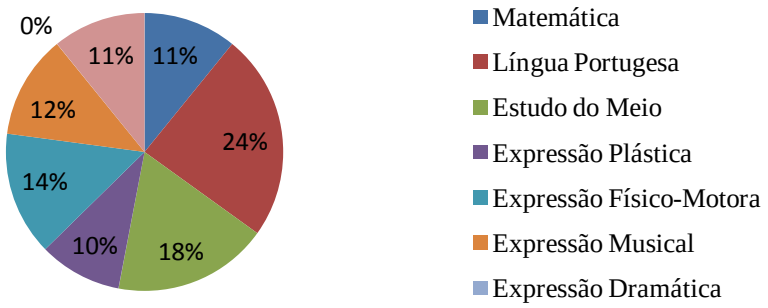

Gráfico 3 - Áreas desenvolvidas

1.4.1. Organização do espaço

A sala de aula do quarto ano possui um ambiente agradável e acolhedor, permitindo a socialização dos alunos da turma. Trata-se de um espaço relativamente pequeno para o número de crianças que nele se encontra, estando desde forma bastante preenchido, no entanto é possível organizá-la de diversas formas.

"A maneira como o espaço é gerido tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos. Embora os professores não controlem a quantidade de espaço disponível, têm uma considerável liberdade de ação no que diz respeito à sua gestão" (Arends, R., 1995, p. 85).

Existe um espaço destinado aos livros, outro aos materiais de expressão plástica, e ainda outro onde se encontram as caixas com os materiais dos alunos. Distingo estes três espaços, mas eles encontram-se todos muito ligados, uma vez que como referi anteriormente a sala é pequena e só estando bem organizada possibilita a existência de espaço para o dia a dia.

As paredes e placares possuem os trabalhos realizados pelos alunos, sendo por isso várias vezes modificadas.

As secretárias na maioria dos dias estão todas viradas para o quadro, formando dois corredores e quatro filas. Sempre que se realizavam trabalhos de grupo a sua disposição era modificada para a formação dos grupos, juntando-se as mesas quatro a quatro.

De referir ainda, que uma vez que as secretárias eram individuais, quando os alunos realizavam algum teste, estas ficavam dispostas todas separadas umas das outras.

1.4.2. Organização do tempo

"A gestão do tempo na sala de aula é extremamente complexa. Requer conhecimento do currículo, dos princípios da aprendizagem, de cada aluno da sala, e de boas práticas de gestão. Acima de tudo requer um comprometimento para ensinar os tópicos escolares específicos e a crença de que os alunos conseguem aprender." (Arends, R., 1995, p.79).

No que diz respeito ao tempo, a turma do 4.ºano do 1.ºCiclo do Ensino Básico do colégio Paula Frassinetti possui horário misto: das 9h30m às 12h30m e das 14h30m às 16h30m.

Para além disso tem os seus dias distribuídos pelas diversas áreas de conteúdo, cumprindo assim o seguinte horário letivo.

Horas/Dias	**2ªFeira**	**3ªFeira**	**4ªFeira**	**5ªFeira**	**6ªFeira**
9h30-10h30	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
10h30-11h30	Matemática	Ginástica	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
11h30-12h30	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h30-13h30					
13h30-14h30				Informática	Área Projeto
14h30-15h30	Expressão Dramática	Estudo do Meio	Formação Cívica	Estudo do Meio	Expressão Plástica
15h30-16h30	Música	Estudo do Meio	Estudo Acompanhado	Estudo do Meio	Inglês
16h30-17h30		Inglês		Informática	

Tabela 1 - Horário da turma

Este horário, ao longo do período de estágio, durante o tempo letivo destinado à professora titular de turma, foi diversas vezes alterado, pois só assim me possibilitava a realização do projeto de intervenção, a participação nos trabalhos da Área de Projeto do Colégio e ainda o lecionar das diversas áreas de conteúdo.

1.5. Trabalhos mais significativos em contexto de sala

O trabalho desenvolvido ao longo deste estágio foi todo muito desenvolvido em torno do projeto de intervenção "Portugal ao longo dos Séculos" e da construção de um livro original da turma "O Ratinho que Sonhava".

Todavia, tudo o que foi realizado durante o desenvolvimento do mesmo foi de grande relevância quer para mim quer para os alunos da turma, uma vez que foi um trabalho muito planeado e estruturado antes de ser implementado e proposto à turma.

Para o desenvolvimento destes trabalhos em muito contribuiu o período de observação assim como o desenrolar dos dias, pois só com o passar do tempo e com um maior conhecimento de cada aluno era possível compreender onde existiam as maiores dificuldades e onde se sentiam mais à vontade.

Além disso, só este conhecimento tornou exequível um trabalho tão positivo e que todo ele fosse realizado ou em grande grupo ou em grupos de trabalho de quatro/cinco elementos. Quero com isto dizer que os grupos de trabalho apenas funcionavam bem porque eram constituídos por elementos que se completavam uns aos outros, permitindo assim que todos participassem e todos desenvolvem a tarefa proposta para a ocasião.

Destaco desta forma dois trabalhos. O primeiro pretende-se com a construção de um livro original da turma, o "Ratinho que Sonhava" (anexo XII), um projeto no qual a turma se envolveu e que foi realizado ao longo de várias semanas às terças-feiras.

As terças-feiras da turma do 4.ºano do Colégio Paula Frassinetti eram um pouco conturbadas, pois eram interrompidas ao meio da manhã pela aula de Educação Física.

Assim sendo, este foi o dia escolhido para a elaboração de um livro. Desta forma numa primeira fase houve a escolha das várias características da narrativa. Primeiro o título, depois as personagens, espaço, tempo e ação, e finalmente a caracterização das personagens ao nível do retrato físico e psicológico, pois seriam aspetos que ao longo da história teriam que ser abordados.

Seguiu-se a construção da narrativa, em grande grupo e com a participação de todos. Este trabalho demorou algumas semanas, mas o produto final foi muito interessante e todos gostaram muito da história, inclusive a professora cooperante e eu, estagiária da turma.

Após a conclusão da parte escrita, procedeu-se à sua ilustração, toda a turma participou neste processo, todavia em momentos pontuais, pois nos dias em que o tempo estava destinado à ilustração do "nosso" livro também houve a possibilidade de resolver exercícios de raciocínio lógico ao nível da matemática, visto este ser um trabalho que ,apesar de todos participarem, não poderia ser em simultâneo.

Alguns alunos tiveram a possibilidade de desenhar, outros de pintar e ainda houve quem tivesse a hipótese de realizar ambas as tarefas.

No final o livro foi compilado, pois encadernámo-lo e ficou um trabalho muito bonito.

O segundo trabalho que destaco prende-se com a construção da monografia histórica (anexo XIII) que esteve inserida no projeto de intervenção, sendo este o produto pretendido inicialmente. Posteriormente este tipo de texto serviu para desenvolver diversos conteúdos programáticos relacionados com as diferentes áreas de conteúdo. Desta forma foi sem dúvida o maior desafio pelo qual passei ao longo deste estágio.

Numa fase inicial, não consegui compreender ao certo o que me estava a ser proposto e como iria conseguir pôr este tipo de trabalho em prática, todavia não desisti, pesquisei, refleti, interroguei e consegui encontrar o melhor trajeto para realizar com o grupo o trabalho sobre o texto monográfico.

Numa primeira fase foi elaborado um plano geral, onde escrevemos aquilo ao qual nos proponhamos, do que necessitávamos e qual era o produto final esperado.

Seguidamente, em grupos de quatro ou cinco elementos, a turma começou a desenvolver um trabalho de pesquisa, com os diversos recursos bibliográficos que eu forneci, pesquisas realizadas em casa, perguntas orais recolhidas com os avós ou os pais e, desta forma a monografia começou a ganhar forma e amplitude.

Após a elaboração do texto monográfico e da seleção de imagens procedeu-se à montagem dos esquemas em computador.

A partir deste texto foi, ainda, possível trabalhar diversos conteúdos, como as frases ou os artigos de opinião.

Este foi sem dúvida um grande desafio que na minha opinião foi superado com sucesso, pois sinto que num futuro próximo quando estiver no ativo e com um turma de 4.ºano a trabalhar a história de Portugal este será um trabalho que lhe poderei propor.

2. Projeto em contexto de estágio

Como futura profissional de educação torna-se muito importante adquirir aprendizagens de âmbito psicopedagógicas. A componente prática do Mestrado permite-me ter contacto e adquirir conhecimentos de diversas realidades e de ambas as valências educativas, pré-escolar e 1.ºciclo do ensino básico.

A base deste estágio foi a elaboração de um projeto de intervenção para a turma, o meu trabalho constituiu na observação (anexo XIV), na recolha e análise - através de entrevistas (anexo X), questionários (anexo XI), guiões, grelhas, e na intervenção com o

grupo de modo a tornar-me uma maior conhecedora das necessidades e motivações dos alunos, permitindo assim elaborar o projeto.

"Cada professor deve ser preparado para encontrar, por si mesmo, os comportamentos mais adaptados à sua personalidade e mais eficazes para o desempenho da sua função. Isto exige (…) um conhecimento teórico sobre a investigação e experiência, e de "skills" técnicos para o controlo dos meios de ensino e de conhecimento de técnicas de avaliação para analisar o "feedback" com objetivos educacionais" (Estrela, A., 1994, p.27).

A partir desta afirmação é possível retirar praticamente todos os aspetos que são necessários para a realização do projeto, assim como para o futuro. Desta forma, foi necessário investigar, de modo a construir as caracterizações, analisar os seus dados, retirar os aspetos positivos e /ou menos positivos, pontos fortes e fracos, analisar as entrevistas e os questionários, para encontrar uma problemática (anexo XV) que me levasse a escolher uma temática de acordo com os alunos e os projetos da instituição cooperante.

Cabe a cada educador/professor construir o seu projeto educativo consoante o seu grupo, para tal, há que dispor de elementos que possam ser analisados periodicamente, de modo a obter uma maior compreensão dos processos de desenvolvimentos de cada criança. Deste modo deverá passar por diferentes etapas que se completam e que se vão sucedendo e aprofundando, pressupondo-se que haja observação, planeamento, ação, avaliação, comunicação e articulação, permitindo dar continuidade educativa.

"O projeto corresponde ao esboço de uma visão de futuro que se pretende atingir e "mesmo quando não há um projeto expresso, projetamos a cada momento aquilo que somos naquilo em que nos queremos tornar."" (Kohn, 1982, cit Silva, M., Lilian, K., Joaquim, R. & Vasconcelos, T., 1998, pp.91-92). É exatamente isso mesmo que nós temos de realizar, um esboço do que pretendemos atingir, o qual pretendemos cumprir, mas que, no entanto, poderá sofrer algumas alterações ao longo do tempo.

Segundo Luiza Cortesão, "projeto é assim o resultado da tensão descorrente da necessidade do problema surgido, do desejo existente e da previsão, estruturação antecipada da ação. É como que um comprometimento entre a reflexão necessária e a ação desejada." (Leite, E., Malpique, M. &Santos, M.A.R., 1993, p.81). Além disso desenvolve em todas as crianças a capacidade de resolver os seus próprios problemas, assim como os problemas do seu grupo de trabalho, adquirindo capacidade cognitivas também neste domínio do conhecimento.

Assim sendo, “o trabalho de projeto cria a possibilidade de produzir e melhorar relações na sala de aula e no grupo, tornando essas relações mais democráticas (…) constitui-se assim como uma possibilidade de passar do sonho e da utopia a uma releitura das experiências do quotidiano, pela ação, pela partilha de sentidos e de significados.” (Leite, C., Gomes, L. & Fernandes, P., 2001, p. 37).

Em suma o trabalho de projeto é uma atividade intencional segundo a qual os agentes produzem conhecimentos, adquirem capacidades e resolvem problemas que os preocupam ao longo do estudo efetuado sobre determinada problemática.

Só é possível conhecer verdadeiramente o grupo de trabalho se for realizada uma observação detalhada de diversos aspetos da turma, uma vez que “observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objeto terminal ou organizador e dirigido sobre um objeto para dele recolher informações.” (Ketele, 1980, p.27).

Durante o tempo de observação que tive com a turma em que estou a estagiar, tive a possibilidade de recolher informações para construir as caracterizações e desta forma conhecer melhor os aspetos relacionados com todos os seus elementos.

Através da sua análise, da entrevista realizada à professora cooperante e dos questionários às crianças foi possível formular a problemática do projeto.

Desta forma foi exequível concluir que a turma é muito interessada em todas as áreas curriculares, revelando-se, ainda, muito curiosa em relação a novos temas, gosta de pesquisar e de estar informada sobre os mais diversos aspetos.

Da análise realizada nas caracterizações, dos aspetos positivos ou a modificar, bem como dos valores a desenvolver foi possível, em conjunto com todos os elementos do turma (professora cooperante, alunos e estagiária), encontrar uma problemática a desenvolver, “Uma viagem pela História de Portugal”, e a partir desta descobrir o nosso país e as alterações históricas que ocorreram ao longo dos séculos.

Este trabalho teve como objetivos corresponder aos interesses e necessidades dos alunos, sendo que para isso foram elaboradas algumas questões chave: *Como se formou o nosso país?*, Quantos reis/ dinastias existiram?, *Quais as personalidades mais importantes da nossa história?* e *Que património importante foi deixado pelos nossos antepassados?*.

Estas questões permitiram-me refletir e estruturar o projeto da melhor forma para que os objetivos do projeto fossem cumpridos e se encontrassem de acordo com todas

as necessidades dos alunos, quer ao nível do Estudo do Meio – em relação à História de Portugal, quer ao nível da Matemática, Língua Portuguesa e Expressões.

Neste sentido foi fundamental proporcionar aos alunos aquisições dos conhecimentos basilares que lhes permitiam o prosseguimento dos estudos no domínio de esquemas, mapas, diagramas, bem como facilitadores na aquisição e dos desenvolvimentos de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana da socialização e da educação.

O tema escolhido estava, ainda, relacionado com as atividades propostas pelo Colégio ao longo do ano letivo e ainda com a sua Área de Projeto, que para o quarto ano, tinha a ver com as Personalidades Importantes de Lisboa. A partir dele foi possível: utilizar materiais interativos; utilizar o PowerPoint como suporte para dar conhecimento dos aspetos relacionados com a História; utilizar diversos livros para a exploração do tema; relacionar a História de Portugal, da área de Estudo do Meio com a área da Língua Portuguesa, Matemática e Expressões; comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade e a situação; conhecer os diferentes tipos de texto utilizados para conhecer a História; e ainda conhecer aspetos matemáticos que foram sendo desenvolvidos ao longo dos anos.

Desta forma foi possível definir os objetivos gerais para este projeto, sendo eles: proporcionar a aquisição de saberes relacionados com a História de Portugal; ampliar o conhecimento dos alunos em relação a elementos característicos – monarquia, ampliação do território, república, descobrimentos; desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes, participativos e respeitadores de uma sociedade democrática e elaborar uma monografia da História de Portugal.

Depois de os objetivos estarem definidos e a problemática estruturada, foi organizado um plano mensal (anexo XVI), onde os conteúdos programáticos sugeridos pela professora cooperante se conciliavam com a temática do projeto.

A principal limitação que senti ao longo da implementação do projeto teve a ver com o fator tempo, pois na minha opinião, este projeto fazia sentido ser realizado ao longo do ano letivo e não apenas nestes quatro meses, porque senti, e também foi o *feedback* demonstrado pela turma, que o trabalho foi interrompido a meio, devido à falta de tempo e ao facto de o estágio terminar no mês de janeiro.

Todavia os objetivos propostos inicialmente foram alcançados com sucesso, principalmente a construção da Monografia Histórica, que foi sem dúvida o trabalho

que mais sintetiza a informação recolhida, pesquisada e consolidada ao longo destes meses.

Além disso, quero referir que foi de extrema importância para mim conviver com o interesse revelado pelos alunos desde o início do projeto até ao fim, querendo sempre pesquisar mais informação e continuar a escrever a monografia.

"Faz parte intrínseca de um trabalho de projeto, e numa última fase, a sua divulgação. Ao divulgar o seu trabalho a criança tem que fazer a síntese da informação adquirida para a tornar apresentável a outros. Mas tem, também, que socializar os seus novos conhecimentos, o seu saber, tornando-o útil aos outros (…) a criança deverá adequar a informação ao público-alvo, tratando-se, assim, de um processo cognitivo sofisticado e elaborado." (Silva, M., Lilian, K., Joaquim, R. & Vasconcelos, T., 1998, p. 143).

Este excerto ajuda a perceber o quão importante é a divulgação de um projeto, tal como os processos que devem ser desenvolvidos. Assim, não serão as crianças mas sim quem desenvolve o projeto que terá de ter em atenção todos os aspetos, principalmente "adequar a informação ao público-alvo" pois é necessário ter em atenção o público para quem se dirige cada comunicação.

De referir que o trabalho que será exposto é a Monografia Histórica, mas que apenas será apresentado no final do ano letivo, onde em momentos planeados os alunos terão a possibilidade de explicar ao observador, ao seu público, como se estruturou e realizou todo aquele trabalho, seja ele as crianças do pré-escolar, os pais, os professores ou até os diretores.

Este trabalho foi desenvolvido ao longo dos quatro meses de estágio, como referi anteriormente, mas incidiu mais no período entre novembro e janeiro.

Inicialmente foi elaborado um plano geral (anexo XVII), onde estavam contidos todos os aspetos que teriam que ser definidos *a priori*, como os objetivos, o nome do projeto, as finalidades, os materiais necessários.

Posteriormente foram organizados grupos de trabalho e iniciou-se a pesquisa nas diversas fontes, escrita dos textos e seleção de imagens. Depois organizou-se toda a informação recolhida e construiu-se a Monografia Histórica.

De referir que a partir deste texto monográfico e das diversas pesquisas sobre a História de Portugal, foi praticável o trabalho dos diferentes tipos de textos e do planeamento didáticos de alguns textos, como o caso da Carta e do Artigo de Opinião,

assim como de alguns elementos do Funcionamento da Língua, como todos os aspetos relacionados com o estudo das frases.

Finalmente, refiro a avaliação, pois este é um elemento fundamental no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, uma vez que "terá de centrar-se na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno" (Ministério da Educação, 2006, p.25). Esta foi implementada pelos alunos, pela professora cooperante e por mim, em relação aos conteúdos que foram sendo desenvolvidos ao longo do estágio e mais especificamente aos que se encontravam de acordo com este projeto.

Ao longo do tempo, os alunos foram tendo a oportunidade de se expressar oralmente sobre os aspetos que iam sendo abordados, pesquisados, selecionados quer por si, pelo grupo ou até mesmo pelos outros grupos, pois "a avaliação dos alunos é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informação e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo" (Desp. Normativo 338/93).

Por outro lado, cada grupo ia apresentado partes do seu trabalho, refletindo com os colegas e até mesmo durante os intervalos era visível o interesse dos alunos, uma vez que em muitas ocasiões o tema de conversa prendia-se com a pesquisa que estava a ser feita e com a construção da monografia.

Durante esta participação ativa dos alunos, foi sempre possível desenvolver e dar-lhe o *feedback* do seu trabalho, "o feedback deve clarificar perante os alunos o seu nível real, ou o seu estado, perante os objetivos da aprendizagem e, simultaneamente, dar-lhes informação que os ajude a alterar (melhorar) o referido estado se tal se revelar necessários. Só nestas condições o feedback será formativo" (Biggs, 1998, cit Fernandes, D., 2005, p.83)

Para além deste aspeto realizaram-se, ao longo das semanas, fichas de carácter formativo, para compreenderem quais os conteúdos que deviam trabalhar mais e quais aqueles que já se encontravam adquiridos. Estas fichas serviam, ainda, para a professora cooperante e eu, estagiária da turma, percebermos qual o desenvolvimento do trabalho dos alunos, assim como os efeitos que as suas pesquisas, tratamento de dados e conclusões estavam a nutrir em cada um.

Em relação à minha própria avaliação, foi sendo realizada semanalmente, nas reflexões escritas, e diariamente nas conversas com a professora cooperante, pois refletir é deveras importante para o crescimento pessoal e profissional da pessoa, uma

vez que “sentir, querer, afirmar, contestar, preocupar, são ações que fazem parte do homem dentro de qualquer sociedade e que devem estar presentes em sala de aula” (Schenkel, M., 2005, p.121).

Em termos de conclusão penso que a realização deste projeto foi muito importante quer para mim quer para a turma, pois permitiu um maior desenvolvimento de todos, no que diz respeito aos conteúdos relacionados principalmente com a História de Portugal, porque, na minha opinião, se estes conteúdos tivessem sido abordados de uma forma mais teórica ou mesmo de uma forma prática, mas sem que existisse a pesquisa total dos conteúdos por parte das crianças e só depois o debate acerca dos conteúdos selecionados e introdução de pequenos aspetos, não teriam produzido efeitos tão imediatos e positivos no grupo.

3. Reflexão

Ao longo do estágio na valência de Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico, foi possível contactar com aspetos distintos dos que tinha contactado no ano passado, digo isto porque pude acompanhar a turma de uma forma muito mais regular, pois encontrava-me a estagiar durante quatro dias por semana, além disso tive a regalia de implementar um projeto de intervenção, além de colaborar no projeto da escola e no leccionamento dos vários conteúdos programáticos para o 4.ºano.

Segundo a Organização Curricular e Programas do 1.ºciclo do Ensino Básico (2006), “o ensino básico constitui-se como a etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma mais ampla, o princípio democrático que informa todo o sistema educativo e constitui por sua vez, decisivamente, para aprofundar e democratização da sociedade, numa perspetiva de desenvolvimento e de progresso”.

Este estágio teve como principal objetivo proporcionar às discentes uma prática contínua, inserida num ambiente educativo que será o seu futuro próximo, onde era essencial o desenvolvimento das diversas competências no grupo de alunos, através da concretização do projeto curricular construído para a turma, do projeto da instituição e ainda do projeto de intervenção realizado ao longo do semestre.

Para que este trabalho fosse concretizado de forma eficaz e superado com sucesso, em muito contribuíram os programas do 1.ºciclo do Ensino Básico, o Projeto Curricular de Turma, as observações, a docente cooperante e a professora orientadora de estágio.

Na minha opinião, consegui atingir os objetivos inicialmente propostos pela docente, uma vez que cumpri sempre o meu dever cívico, desenvolvi a minha aprendizagem da melhor forma e fui capaz de adaptar a teoria transmitida na componente teórica e nas orientações tutoriais para a prática.

No que às atividades realizadas diz respeito, elas estavam sempre de acordo com o plano anual curricular, com as propostas da professora cooperante e com a articulação realizada com o projeto de intervenção. Desta forma, foi possível proporcionar ao grupo aprendizagem ativas, significativa, diversificas, integradas e socializadas, conforme vem descrito pelo Ministério da Educação, na *Organização Curricular e Programas do 1.ºCiclo do Ensino Básico*.

A implementação do projeto "Uma Viagem pela História de Portugal" foi um aspeto muito importante para a minha formação, pois fez-me perceber como se faz, qual a forma de implementar e além disso ter o *feedback* constante por parte dos alunos. Este foi sem dúvida um dos melhores aspetos que encontrei ao longo deste ano de estágio, a partilha de informações e opiniões com os próprios alunos.

De referir que, ao longo da Licenciatura também já tinha tido a possibilidade de pôr em prática um projeto de intervenção todavia esse estágio foi todo ele envolto nessa temática, uma vez que se realizava apenas uma vez por semana. Durante este semestre foi possível verificar que é realmente exequível esta prática diária durante a planificação que é realizada semanalmente, mensalmente ou até trimestralmente, onde se poderá realizar diversos projetos de intervenção com os alunos.

Para que o trabalho fosse contínuo, em equipa e compreendido por parte de todos. A avaliação foi um elemento fulcral no processo de ensino-aprendizagem. No final de cada semana, ou em momentos oportunos, existia uma pequena conversa entre mim e a professora cooperante relacionada com o meu desempenho e o desempenho do grupo. Nessa altura era realizada uma autoavaliação à minha postura, trabalho, interação com o grupo e ainda uma a heteroavaliação feita pela professora.

Outra circunstância, muito importante, foi a escrita refletida sobre os aspetos essenciais ocorridos ao longo de cada semana, na elaboração da reflexão semanal. Na minha opinião e como tenho vindo a referir várias vezes ao longo deste relatório a reflexão é um elemento deveras importante na carreira de um docente, pois somente através dela é exequível uma melhor prática e um crescimento contínuo.

As principais dificuldades que senti ao longo do estágio prenderam-se muitas vezes com o excesso de informação transmitida pela professora orientadora de estágio

ao longo das aulas tutoriais e que numa fase posterior tinham de ser analisados por mim para conseguir que todas fossem praticáveis com a turma em questão e da melhor forma para que fossem concluídas com sucesso por parte de todos. Além deste aspeto, o tempo também foi, em momentos oportunos, uma pequena dificuldade pois o facto de trabalhar através da metodologia de projeto e da pesquisa realizada pelos alunos faz com que o trabalho por vezes se revele mais duradouro do que se espera.

Todavia, todos estes aspetos foram superados com sucesso, quer por mim, quer pelo grupo com que me encontrei a estagiar.

No que diz respeito à minha prática, mais uma vez penso que evoluí bastante, pois o contacto com o trabalho de campo proporciona muito mais aprendizagens e demonstra o quão preparados possamos estar ou não para solucionar pequenos imprevistos. As leituras realizadas e os conhecimentos teóricos são, também eles, fundamentais para a resolução de problemas.

Em conclusão, penso que este estágio foi bastante produtivo, pois aprendi muito e continuo com imensa vontade de saber mais e mais. Foi mesmo muito entusiasmante estar sempre na expectativa de qual seria o *feedback* dos alunos, sendo que foi sempre o melhor e revelaram sempre muito interesse nas minhas aulas e na minha partilha de conhecimentos com eles. É muito bom sentirmo-nos realizados a fizer o nosso trabalho e eu sinto-me realizada.

Conclusão

Chegando ao fim deste relatório é altura de refletir e analisar conclusivamente toda a caminhada realizada por mim até este ponto.

Na minha perspetiva este Mestrado é deveras interessante e motivador, pois permite ao docente ter uma noção completamente distinta do que é a Educação Pré-Escolar e o ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico e daquilo que ambas as valências requerem e exigem.

Refiro isto, porque ao logo dos estágio foi notória a interrogação por parte das docentes cooperante qual das duas valência é mais trabalhosa, qual a que requer maior pesquisa, qual é que solicita maior atenção e preparação para o contacto com a criança.

Assim sendo, só através desta prática pedagógica em ambas é exequível uma preparação e um conhecimento real do que cada uma delas solicita, quais os aspetos que têm de ser mais desenvolvidos e qual o papel da educadora de infância e o papel da professora do 1.ºciclo.

Na minha opinião ambas as profissões são deveras exigentes e desgastantes, pois requerem um trabalho contínuo, repleto de muitas leituras e análises críticas, reflexões e partilha de conhecimentos entre os vários colegas, pois só assim será possível realizar uma boa prática pedagógica a pensar no grupo e em cada criança em particular. Contudo são profissões muito realizadoras, uma vez que é através do bom desempenho do docente que a criança se desenvolve, adquire conhecimentos e progride no seu desenvolvimento.

Refiro ainda o facto de ter estagiado na mesma instituição ao longo dos dois estágios do Mestrado, este aspeto inicialmente poderia ter sido negativo, na medida que limitar-me-ia a possibilidade de conhecer outra realidade, ou positivo na dimensão em que me permitia contactar com a mesma realidade em valências diferentes.

Chegando ao fim, penso que o aspeto positivo superou o negativo, uma vez que foi muito gratificante conhecer e compreender o quão distinto é estar no mesmo espaço, mas em valências distintas. Refiro isto porque no estágio de Pré-Escolar não mantive qualquer contacto com o grupo de trabalho do primeiro ciclo, quer professores quer alunos, e no ano seguinte o contacto só existiu porque sempre que tinha oportunidade, fora da hora de estágio conversava com as educadoras e interagia com as crianças.

Em relação à desvantagem de ter permanecido na mesma instituição, penso que foi colmatada com o facto de durante a Licenciatura ter estagiado numa instituição pública, o que tornou possível o conhecimento dessa realidade.

Para o meu crescimento enquanto futura profissional da educação em muito contribuíram as planificações e as reflexões que foram sendo elaboradas por mim, uma vez que me permitiram analisar detalhadamente o processo que estava a ser realizado.

Ao longo deste Mestrado penso que os objetivos propostos inicialmente foram cumpridos, por mim, uma vez que o *feedback* demonstrado pelas docentes cooperantes e pelas docentes orientadoras de estágio foi positivo, revelador do meu crescimento e da minha aprendizagem.

No que à realização deste relatório diz respeito, penso que contribuiu, mais uma vez, para a reflexão e análise crítica do meu desempenho ao longo das práticas supervisionadas, além da pesquisa que envolveu o dilema e o projeto, pois este aspetos pontuais requereram um maior aprofundamento teórico na construção deste relatório.

Em termos de conclusão final quero referir que chegando ao fim da minha formação me sinto, ainda mais motivada e feliz pela meta alcançada, pois esta é sem dúvida a profissão que me preenche enquanto pessoa e que ao longo dos estágio me possibilitou o conhecimento do quão gratificante é para mim estar em contacto com as crianças, poder contribuir para o seu desenvolvimento e crescimento.

Para terminar pretendo apenas referir que este não será o final do percurso académico, pois a vida profissional de um docente requer uma aprendizagem constante e uma reflexão diária, daí que só através de novas formações, *workshops* e muitas leituras refletivas é exequível uma prática correta e gratificante para todos os agentes envolvidos.

Suporte Documental

Referências Bibliográficas:

Alarcão, I. *Ser Professor* Reflexivo. In Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão*. (pp. 171-188). Coleção CINIne. Porto: Porto Editora.

Arens, R., I. (1995), *Aprender a Ensinar.* Lisboa: Editora McGraw-Hill.

Baroody, A., *Incentivar a aprendizagem matemática das crianças*. In Spodek, B. (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. (pp. 333-390) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas. 2ªEdição.

Davies, D., Marques, R. & Silva, P. (1997). *Os Professores e as Famílias – A colaboração possível.* Lisboa: Livros Horizonte.

Estrela. A.. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes*. Porto: Porto Editora.

Fernandes, D. (2005). Avaliação das aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Política. Lisboa: Texto Editores.

García, E., *A Educação de crianças linguística e culturalmente diversas*. In Spodek, B. (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. (pp. 841-919) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas. 2ªEdição.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2009). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas. 5ªEdição.

Katafiasz, K. (2008). *A arte de ensinar*. Prior Velho: Paulinas Editora. 3ªEdição.

Ketele, J. M. (1980). *Observer pour éduquer*. Berna: Peter Lang.

Lalanda, M. & Abrantes, M. O Conceito de Reflexão em J. Dewey. In Alarcão, I. (1996). Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão. (pp. 41-61) Porto: Porto Editora.

Leite, C., Gomes, L. & Fernandes, P. (2001), Projetos curriculares de Escola e de Turma – Conceber, gerir e avaliar, Porto: Edições Asa.

Leite, E., Malpique, M. & Santos, M. A. R.. (1993). *Trabalho de projeto*. Vol II. Porto: Edições Afrontamento.

Marcel Postic (2007). *A Relação Pedagógica*. Coleção: Tempo Social, nº5. Almargem do Bispo: Padrões Culturais Editora.

Marques, R. (1988). *A Prática Pedagógica no Jardim de Infância.* Biblioteca do Educador. Lisboa: Livros Horizonte.

Marques, R. (1999). *A Escola e os Pais, Como Colaborar?*. Edução Hoje. Lisboa: Texto Editora. 6ªEdição.

Ministério da Educação. (2006). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.ºCiclo*. Mem Martins: Departamento da Educação Básica.

Papalaia, D., Olds, S. & Feldman, R, (2001) – *O Mundo da Criança.* Lisboa: Editora McGraw-Hill. 8ªEdição.

Ponte, J. P., Serrazina, M., et al (2007), *Programa de Matemática do Ensino Básico* – Lisboa: ME, DGIDC.

Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar*. Coleção CINIne. Porto: Porto Editora.

Postic, M. (2007). *A relação pedagógica.* Coleção: Tempo Social, n º 5. Almargem do Bispo: Padrões Culturais Editora.

Schenkel, M., Professor Reflexivo. Da teoria à prática. In Sá-Chaves, I., (2005). Os "Portfolios" reflexivos (também) trazem gente dentro. (pp.119-131). Coleção CINIne. Porto: Porto Editora.

Silva, M. & Núcleo de Educação Pré-Escolar. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica – Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.

Silva, M., Lilian, K., Joaquim, R. & Vasconcelos, T. (1998), *Qualidade e Projeto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica – Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.

Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1993), *Psicologia Educacional – Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Editora McGraw-Hill.

Villas-Boas, M. A. (2001). Escola e Família – Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Legislação

Graus Académicos e Diplomas do Ensino Superior - Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de março.

Habilitação Profissional para a Docência - Decreto-Lei n.º 43/2007 de 22 de fevereiro.

Lei Quadro da Educação Pré-Escolar - Decreto-Lei n.º 5/1997 de 10 de fevereiro.

Perfil Específico de Desempenho do Educador de Infância e do Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico - Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de agosto.

Regime de Avaliação dos alunos - Despacho normativo n.º 338/93, de 21 de outubro.

Regulamento do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.ºCiclo do Ensino Básico.

Regulamento Interno do Colégio Paula Frassinetti.

Informação Eletrónica

Site da Câmara Municipal de Lisboa: http://www.cm-lisboa.pt/ (acedido em outubro de 2010 e outubro de 2011)

Site da Junta de Freguesia de São João de Deus: http://www.jf-saojoaodedeus.pt/ (acedido em outubro de 2010 e outubro de 2011)

Site do Colégio Paula Frassinetti: http://www.colegiopaulafrassinetti.com/ (acedido ao longo do ano letivo 2010/2011 e 2011/2012)

Site do Dicionário da Língua Portuguesa: http://www.priberam.pt/dlpo/ (acedido em janeiro e fevereiro de 2012)